

Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



Romanceiro Potiguar

Deífilo Gurgel
**Fabião
das Queimadas**



A serra de Joana Gomes só tem de serra o nome. Na verdade, ela não passa de uma pequena elevação orográfica, no território de Lagoa de Velhos; um mero acidente de percurso, entre essa cidade e a de São Paulo do Potengi, terra do apóstolo das águas, Mons. Expedito Medeiros. No entanto, poucas pessoas conhecem a importância dessa serrinha, no universo da cultura popular norte-rio-grandense. Era ali que vivia o Boi da Mão-de-Pau. "Na serra de Joana Gomes, / fui eu nascido e criado". Sem falar da besta de Joana Gomes, que se referia com desdém aos habitantes da serra: "Mais besta é os vaqueiros, / que nasceram sendo home, / porque pensavum que'eu era / o gado de Joana

Dona Militana

Gome ...". Não era este o caso do Mão-de-Pau, que vagabundava feliz, entre rios e riachos, naquelas planuras verde-azuladas da ribeira do Potengi. E, tem mais, o Mão-de-Pau não respeitava ninguém. Porque ele era o que se chama no romanceiro da pecuária, um barbatão indomável, senhor absoluto daqueles campos e campinas, da Lagoa de Pedra ao Poço do Caldeirão, da cacimba do Salgado à serra do Boqueirão. Até o dia em que lhe apareceu pela frente o vaqueiro Antônio Anselmo. "Quando vi Antonho Ansermo, / no cavalo Maravia, / fui tratando de corrê, / mas sabendo que morria." Era o fim do Mão-de-Pau. "Vou embora desta terra, / pru que conheci vaqueiro, / e vou de muda pros Brejo, / mode dar carne aos brejeiro."



O poeta Fabião das Queimadas, (1848 - 1928), nascido e criado naquelas ribeiras do Potengi, escravo negro alforriado do major José Ferreira, pegou a rebequinha e improvisou o "Romance do Boi-da-Mão-de-Pau" e o cantava pra quem quisesse ouvir (e pagar), como faziam os menestréis da Idade Média, seus ancestrais de poesia, em terras de Espanha e areias de Portugal. Aí, apareceu Luís da Câmara Cascudo, um baita de um intelectual que, mesmo não sendo ainda um folclorista famanado, na década de vinte, aqui e ali revelava seu amor pela cultura do povo, (Cont.)

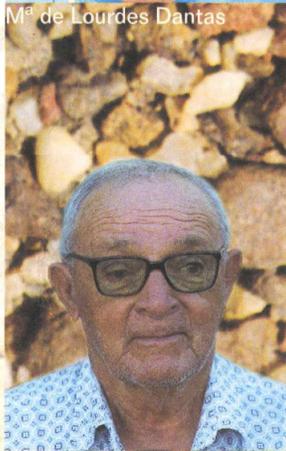
Fabião das Queimadas



Raimundo Fabião



Mª de Lourdes Dantas



Pedro Ribeiro



Dona Héla (Tibau do Sul)

defendendo pelos jornais, com unhas e dentes, a preservação de nossos grupos de danças tradicionais e, mais do que isto, guardando no coração um mundo de lembranças das andanças de menino (e menino curioso), pelos sertões do RN e Paraíba, que se transformariam, logo, em alguns dos mais importantes livros da cultura popular brasileira. Aí, Cascudo pegou Fabião e levou ele pra cantar na casa do povo lorde de Natal, começando pelo próprio Governador. E o romance do "Boi da Mão-de-Pau" era um sucesso em todo canto que ia. Até Antônio Nóbrega cantava ele pelo mundo afora, nas suas apresentações de multi-artista, numa sugestão de Ariano Suassuna. Mas, não foi apenas o Romance do Boi da Mão-de-Pau que Fabião inventou. Teve uma penca deles, porém oitenta por cento da sua produção poética se perdeu nas gruguéias do tempo, conforme Cascudo. E não foram apenas os romances da pecuária. Também os cantos do "Redondo-Sinhá". Nas pesquisas que realizamos no reino de Fabião, (ribeiras do Potengi), nos últimos quinze anos, tivemos a sorte de recolher duas das mais expressivas produções do nosso bardo. A primeira foi o "Romance do Cavalo Moleque Fogoso", cantado por Pedro Ribeiro, na cidade de São Pedro; a segunda, colaboração do meu amigo Edgar Gomes, de Barcelona, uma sextilha improvisada por Fabião, durante um "batalhão", na hora do almoço, à sombra das craibeiras em flor:

"Canta alegre os passarinhos do outro lado do rio. Uns canta por ter calor, Outros canta por ter frio; Uns canta de papo cheio, Outros, de papo vazio."

Tá na hora dos pesquisadores do Estado ganharem o brejo, no rumo do Potengi, porque, inclusive, há informações de outros poetas do romanceiro, na região. Quem sabe, não surgirá por lá um novo Fabião das Queimadas, ou vários deles? Na área dos romances da pecuária, o velho Fabião foi, inegavelmente, nosso maior poeta. Outros, no entanto, existiram pelo Brasil afora e criaram, a partir do último quartel do século XVIII, algumas das peças mais conhecidas desse ciclo poético da Literatura Popular. José de Alencar, o romancista de Iracema foi, inclusive, o primeiro estudioso brasileiro que se preocupou com esses antigos romances do criatório nordestino. Depois dele, vieram Sílvio Romero, Pereira da Costa, Rodrigues de Carvalho e, no século atual, Bráulio do Nascimento. E os romances brasileiros mais conhecidos, nos campos da pecuária são, ainda, o Boi Espaço e o Boi Surubim. Há muitos outros, talvez umas três ou quatro dezenas de romances, porém, menos conhecidos, entre o povo e os estudiosos.

MARIA JOSÉ (D. Militana)

Se Fabião das Queimadas é a figura maior do romanceiro potiguar, como autor de algumas peças do maior significado para a literatura oral brasileira,

Maria José, (na pia batismal Militana Salustina do Nascimento) é, por sua vez, nossa informante mais famosa, como conhecedora de algumas dezenas de peças raras dos romanceiros ibérico e brasileiro. Maria José nasceu a 500 metros da cidade de São Gonçalo do Amarante, 30 Km de Natal, num sítio chamado "Oiteiro" e tem tudo a ver com a cultura tradicional lusitana, a partir do próprio nome da cidade, continuando por Rego-Moleiro, Oiteiro, até terminar por ela própria, Maria José, cujo nome de Militana evoca hagiologios medievais. Atanásio Salustino do Nascimento, pai de Maria José, era figura maior do folclore sangonçalino e dele a nossa romanceira herdou todo um universo de cantigas, que a transformaram numa das principais figuras do folclore brasileiro. Entre velhos romances portugueses e novos romances brasileiros da saga do cangaço, Maria José já gravou, documentalmente, mais de trinta, entretanto, muito falta ainda a ser gravado, porque a sua memória é como um rio perene que não tem começo nem fim.

INFORMANTES

Posta a questão dessa maneira, pode parecer ao leitor desavisado que o romanceiro potiguar está restrito praticamente às duas figuras já mencionadas de criador e informante do nosso populário, que são Fabião das Queimadas e Maria José, mas não é bem assim. Há muita gente perdida

nessas vilas e arruados, nesses pés-de-serra sertanejos, esperando por nossa boa vontade de pesquisadores. Nos dez anos de trabalho do Projeto "Romanceiro Potiguar", que realizamos para a UFRN, foram coletadas 416 versões de romances diversos, através de 50 informantes, de um universo de duas mil pessoas entrevistadas. Desses cinquenta informantes, selecionamos dez que, pela quantidade de versões apresentadas ou pela originalidade de algumas delas, destacaram-se entre os demais. Citamos aqui os seus nomes, com os nossos melhores agradecimentos.

- *Maria de Aleixo*, da povoação de Alcaçus. Foi a primeira que cantou o romance da Paulina e D. João, em 1985. O mesmo romance foi coletado por Hélio Galvão, em Tibau do Sul, em 1945. Falecida em 1994.

- *Isabel Joaquina* - Como Maria de Aleixo, rendeira de Alcaçus. Estão ambas no livro Romanceiro de Alcaçus, UFRN, Natal, 1993.

- *Maria José* (Militana Salustino do Nascimento) é a mais importante romanceira do Estado, pela soma de romances cantados e pela originalidade da voz rouca, herdada do pai, Atanásio.

- *Juvina Monteiro* reside em Rio do Fogo. Pela quantidade de romances cantados é a segunda romanceira potiguar. Tem a mais bela voz.

Galante

- *Raimundo Fabião* Neto do velho Fabião das Queimadas, residente em São Paulo do Potengi. Canta os romances do avô e criações suas.

- *Pedro Ribeiro* é agricultor, proprietário de terras em São Pedro. Sabe, entre outros, o "Romance do Cavalo Moleque Fogoso", de Fabião das Queimadas.

- *Maria de Vitor*, da praia de Caraúbas, em Maxaranguapé. Cantou em 1988, a "Xácara dos Namorados", peça raríssima, recolhida por Pereira da Costa, de Pernambuco, em 1908.

- *Luiza Soares*, residente em Tibau do Sul, gravou em 1988 para o Projeto Romanceiro Potiguar o bendito do Santo Antônio, numa versão muito bem conservada, através dos anos, com dezesseis estrofes.

- *Maria de Lourdes Dantas* é de Carnaúba dos Dantas. Sabe diversas peças do romanceiro religioso português.

Juvina Monteiro



- *Ramiro Dantas*. Figura fabulosa de autodidata, mestre-escola, poeta, Ramiro era amigo de grandes nomes das letras nacionais, com destaque para Osvaldo Lamartine. Antes de falecer, no dia 20.02.97, Ramiro presenteou-nos um caderno com vários romances nordestinos do cangaço.

PESQUISAS E PESQUISADORES

O estudo e a pesquisa do romanceiro, no Rio Grande do Norte, começam, como tudo mais em matéria de Folclore, com Luís da Câmara Cascudo. E Hélio Galvão, também. Em 1950, prefaciando e anotando a 2ª edição do livro de Sílvio Romero, CANTOS E CONTOS DO BRASIL, Cascudo esbanjou erudição, na área do romanceiro. Mais do que isto, porém, divulgou, em primeira mão, alguns dos romances que Hélio Galvão havia coletado na região de Tibau do Sul. Finalmente, em 1966, Cascudo publicaria FLOR DE ROMANCES TRÁGICOS, estudo sobre o cangaço no Brasil, no qual divulgaria aproximadamente vinte romances e ABCs contando a vida de cangaceiros nordestinos. Ao todo, Cascudo recolheu e divulgou dezessete romances. Por sua vez, Hélio Galvão iniciaria em 1945 uma pesquisa de campo, abrangendo a região de Tibau do Sul, que duraria até 1947, através da qual recolheria 27 versões de romances ibéricos e



brasileiros, algumas em duplicata. Seu grande informante foi José Mamede Galvão, seu próprio pai, que lhe forneceu a versão do Paulina e D. João, recolhido pela primeira vez no Brasil. Somente a partir de 1985, iniciou-se no Rio Grande do Norte uma pesquisa sistemática sobre o Romanceiro, patrocinada pela UFRN e que levou o nome de "Projeto Romanceiro Potiguar". Tal pesquisa, que abrangeu todo o território do Estado e durou até 1995, levantou um total de 416 versões de romances, conforme já referido. Dessas versões, algumas são verdadeiras preciosidades, como as onze do "Paulina e D. João", de Hélio Galvão, recolhidas nas mais diversas regiões do Estado;

uma única versão do romance religioso "Jesus Cristo e o Lavrador" ou "O Milagre do Trigo", ausente nas coletas de outros Estados e a única versão potiguar da "Xácara dos Namorados" ou "Florioso", além de várias versões de romances religiosos portugueses, não coletados ainda, no Brasil.

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



Av. Antônio Basílio, 3025, s.501, Lagoa Nova,
Natal-RN. Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790.
E-mail: mensagens@candinhabezerra.com
Internet: www.candinhabezerra.com

Direção de Pesquisa
Dácio Galvão

Programação visual
D & S Publicidade

Colaborador
Deifilo Gurgel
Poeta e Folclorista

Fotos
Candinha Bezerra

Apoios
Tribuna do Norte
TV Cabugi

Você encontra a capa dura para colecionar o seu **Galante**, nas principais bancas da cidade, Scriptorin Candinha Bezerra e Fundação Hélio Galvão.

CLASSIFICAÇÃO DOS ROMANCES

Com base nos estudos de outros autores, estabelecemos uma classificação para os romances, que está publicada no trabalho **ESPAÇO E TEMPO DO FOLCLORE POTIGUAR**, uma panorâmica de todo o folclore do RN com uma breve introdução sobre o Folclore Geral e o Folclore

Brasileiro, classificação que reproduzimos aqui. Inicialmente, classificamos o Romanceiro Geral em duas grandes vertentes: o Romanceiro Ibérico, que nos veio de Portugal e Espanha e o Romanceiro Brasileiro, criado pelos nossos poetas populares. O Romanceiro Ibérico compreende o romanceiro palaciano, o religioso e o plebeu. Os romances palacianos descrevem

casos de amor e aventuras outras da nobreza, muitas vezes terminados em desfechos trágicos; os religiosos contam milagres e passagens da vida de Jesus Cristo e dos santos da Igreja Católica e, finalmente, os romances plebeus cuidam dos amores do povo, nas suas classes inferiores. O Romanceiro Brasileiro, por sua vez, divide-se igualmente em três classes

de romances: os romances da pecuária; os do cangaço e os romances burlescos. Há que se lembrar, ainda, um tipo especial de romances que, criados em Portugal, tiveram seu momento de glória e preservação nos autos marítimos brasileiros, o Fandango, a Chegança, a Nau Catarineta. Este é um tipo de romanceiro que pode ser classificado

mesmo de romanceiro marítimo, pois canta as aventuras dos navegantes portugueses, contra a fúria do mar, na saga pela descoberta de novos mundos. Os principais representantes dessa categoria são os romances da Nau Catarineta, do D. João da Armada e do Corsário da Índia. Relíquias de nossas raízes lusitanas.



Maria de Vitor



Ramiro Dantas



Maria de Aleixo

P R O J E T O

N A C I O
Potiguar

UP

UNIVERSIDADE
POTIGUAR

Nossa cultura, nosso saber.